

## Capítulo 18

### *Desarme-se, irmão!*

*Reconciliai-vos o mais cedo possível com o vosso adversário, enquanto estiverdes com ele a caminho.<sup>19</sup>*

As palavras do Mestre Jesus, sempre generosas, guardam neste ensinamento um alerta para todos nós, sem exceção: qualquer um deve procurar a reconciliação mesmo, ou principalmente, com aquele que o agride.

Quando somos convidados, no próximo domingo<sup>20</sup>, a votar pela favorabilidade ou não do comércio de armas de fogo, devemos ter em mente estas palavras sábias do Nazareno.

Por que nos armamos? Por que estarmos com uma arma guardada pronta para sacá-la num momento aprazado? Por segurança, afirmam uns. Mas que segurança? Acaso nossas vidas estão confiadas aos homens? Nossas vidas estão confiadas a Deus. Nada nos acontecerá sem a sua permissão divina. O homem, porém, que acredita somente na realidade terrena, precisará estar armado, porque “morre” de medo dos outros, pois não possui Deus no seu coração.

---

<sup>19</sup>Mt 5,25.

<sup>20</sup>Plebiscito realizado no Brasil em 23 de outubro de 2005, acerca das armas de fogo e munição.

Quando somos convidados a opinar pela proibição da comercialização de armas de fogo, precisamos nos indagar se, de fato, usaríamos uma arma contra alguém. Você já se imaginou atirando em alguém? É terrível! Dar um tiro num irmão é extremamente traumático. É algo que fica gravado na memória para o resto da vida.

O homem de bem jamais quer possuir uma arma. Sua arma, na verdade, ele já tem: é a sua fé em Deus. Somente quem tem fé no Altíssimo pode se sentir armado, armado de Deus.

Penso que o homem tem medo de outro homem, porque tem medo de si mesmo. Ele sabe que é capaz de destruir uma vida então acha que o outro também possui este impulso e daí arma-se até os dentes.

É claro que o homem ainda está bastante distante do seu desiderato, mas se não exercitarmos efetivamente a nossa condição divina, então ficará mais longe qualquer esperança de nos aproximarmos de Deus.

Devemos sim é reivindicar as autoridades constituídas por segurança. Nós somos cidadãos, pagamos os nossos impostos, então merecemos ser tratados com dignidade e vermos assegurados os nossos direitos. Todo mundo tem o direito de ir e vir, garante a nossa Constituição, mas precisa ir e vir para todo lugar com tranquilidade e paz.

Até quando teremos que viver sob a tutela do medo? Até quando teremos que desconfiar de alguns policiais que não cumprem com os seus compromissos profissionais e públicos? Até quando o Estado usará de sofismas para fugir

de suas obrigações legais?

O cidadão necessita fazer a sua parte também. Não cabe a ele apenas reclamar pela insegurança. É necessário que ele faça a sua parte. Quantos homens não perdem a cabeça e sacam as suas armas contra o outro por motivos tão pueris? Quantos só se sentem corajosos, porque guardam na cinta um revólver?

Neste contexto de violência generalizada, devemos nos questionar que sociedade nós queremos construir. Será que esta sociedade já nos basta os anseios de vida? Claro que não. E o que estamos fazendo para mudar este estado de coisas? Pouco ou quase nada, na verdade.

Se desejamos uma sociedade diferente desta que vivemos, devemos nos inclinar na direção de ajudar a construí-la. Se não desejamos a violência, devemos, então, cultivar a paz. A paz que desejamos ao mundo deve ser edificada primeiramente no nosso próprio coração. Não foi isto que o Nosso Senhor Jesus Cristo nos ensinou quando disse que o reino de Deus estava no coração dos homens? Então a paz está dentro de nós, não está distante e tampouco pode ser obtida empunhando uma arma de fogo.

Quem detém uma arma em punho, só o faz por que não descobriu o reino de Deus dentro de si. Quando os homens descobrirem-se como depositários fiéis do reino de Deus na Terra se envergonharão de ter armas.

Num referendo como este, o foco da discussão pública deveria estar centrado na busca de uma sociedade de paz. Alguns podem afirmar que ela só virá se estivermos armados, mas não são as armas usadas para a guerra e como

pode se estar armado para a paz apontando-se um revólver para outro irmão?

A afirmação que uma arma traz tranqüilidade para sua casa não pode ser levada a sério. As armas recebem o carimbo da violência que um dia pode acontecer, portanto, não é a garantia efetiva da paz.

Devemos pensar a paz todos os dias. A paz deveria ser a garantia das garantias do cidadão, porque quando nos referimos à paz estamos falando não apenas da paz de espírito, mas de como chegar até ela. A paz do cidadão não começa por policiais armados em cada quarteirão, principia-se pelas garantias mínimas a cada cidadão: uma casa para morar, um lugar para trabalhar, uma escola para estudar. Sem o mínimo do mínimo não podemos nunca ter uma sociedade pacífica.

O referendo das armas de fogo poderia ser excelente oportunidade para um grande debate nacional pela dignidade de toda pessoa humana, mas isto não isenta o Estado do processo de preparar homens e mulheres para uma sociedade que tenha como valor maior a promoção da paz. Para isso, é necessário que nossas escolas, além de mostrar fatos que marcaram o tempo, pudessem dar destaque igualmente a aqueles que lutaram pela paz. Há sempre uma outra forma de enxergar a realidade e, portanto, reescrever a história quando deliberadamente invertemos os valores que desejamos verem enaltecidos. Se a história foi escrita em boa parte pelas mãos de guerreiros, dos arbitradores, por que não reestudá-la agora pelas mãos dos pacifistas?

Por que não enaltecer figuras como Martin Luther King? Mahatma Gandhi? Frei Caneca? Einstein? João

XXIII? E tantos outros que enxergavam o mundo com os olhos da paz, de pacificadores que eram.

Enquanto insistirmos em falar das guerras, de exaltar a violência nos noticiários da mídia e de negarmos aquilo que aprendemos nas nossas igrejas, dificilmente construiremos um solo fértil para o desenvolvimento da paz entre os homens.

Queira Deus, ouvindo as palavras de sabedoria de Nosso Senhor Jesus Cristo, que o homem se reencontre com ele mesmo e, finalmente, perceba que as armas somente irão apressá-lo a chegar mais perto da morte e da destruição e que a sua finalidade precípua, o seu destino divino, é ver-se uns aos outros como irmãos, e assim não desejará jamais usar armas de fogo, mas, contrariamente, as armas da paz promovendo a união entre todos eles.

Que Deus nos abençoe!